



Por uma nova sociedade: a busca por outros pactos civilizatórios

For a new society: the search for other civilizational pacts

Por una nueva sociedad: la búsqueda de otros acuerdos civilizacionales

Cíntia Simões de Souza [*]

Mírian Cristina de Moura Garrido [**]

[*] Mestre em História pela Universidade Federal de São Paulo – Unifesp. ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-4739-4500>. Email: cynthia.cinth@gmail.com.

[**] Pós-doutoranda pela Universidade Federal de São Paulo, Doutora e Mestra em História pela Universidade Estadual Paulista, campus Assis. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0995-0489>. E-mail: miriangarrido@hotmail.com.

A busca por outros pactos civilizatórios

Maria Aparecida da Silva Bento, mais conhecida como Cida Bento, nasceu em São Paulo e foi a primeira pessoa de sua família a concluir o ensino superior. Ela trabalhou como professora em escolas da educação básica e atuou como psicóloga ocupacional no setor privado, segundo a própria autora em sua obra *O pacto da branquitude*.

Bento é graduada em Psicologia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Farias Brito, é mestre em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo. É uma das fundadoras do Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades (CEERT), instituição na qual atua como conselheira, foi considerada pela revista *The Economist* uma das pessoas mais influentes do mundo quando se trata do campo da diversidade, segundo publicação do site da Companhia das Letras.

Uma das maiores contribuições acadêmicas da autora é a discussão do conceito de branquitude e seus desdobramentos. Para ela, a branquitude pode ser encarada como um pacto não verbalizado que existe entre pessoas brancas, com o objetivo da autopreservação deste mesmo grupo nos melhores lugares sociais. Em debate virtual, em 2022, organizado pela Companhia das Letras e a Folha de S. Paulo em virtude do lançamento de sua obra *O pacto da branquitude*, a autora afirma que “quando o país mergulha na branquitude, mergulha em um conjunto de valores

únicos onde a grande maioria não se encaixa. É uma sociedade para poucos onde se naturaliza que muitos não tenham nada” (CEERT 2022).

É esse conceito e seus desdobramentos que Bento apresenta no livro *O pacto da branquitude*, lançado pela Companhia das Letras no ano de 2022, e aqui resenhado. A obra é fundamentada em suas pesquisas, tanto de mestrado quanto de doutorado, bem como em sua vivência e experiência no mercado de trabalho, pois a autora trabalhou como executiva de recursos humanos em grandes empresas. Ao longo de sua trajetória, Bento percebeu que existe um padrão discriminatório seguido em processos seletivos para vagas de emprego, fato que experimentou na própria pele. Por mais que ela possuísse qualificação, as vagas nunca eram direcionadas para ela e nem para seus irmãos, mesmo que todos possuíssem ensino superior completo. Porém, pessoas brancas que possuíam currículos equivalentes ao seu, ou mesmo inferiores, eram mais facilmente contratadas.

Ao constatar esse padrão, seu objetivo acadêmico passa a ser desmistificar a falácia do discurso meritocrático que disfarça um acordo não verbalizado de autopreservação e perpetuação do poder entre brancos. Por conta de sua problemática ser extremamente atual, já que confirma aspectos do racismo estrutural presente na sociedade brasileira, a leitura do livro é imprescindível.

A escrita adotada por Cida Bento constrói uma obra de leitura leve e fluida, apesar da complexidade do tema. A obra está dividida em dez capítulos e um epílogo. Em sua introdução, já somos familiarizados com as diversas experiências que a levaram a seus argumentos e a reconhecermos a existência das relações de dominação presentes no cotidiano. Quando fazemos isso, para ela, se abre a possibilidade de criarmos condições de desenvolvimento para um outro tipo de sociedade com outros pactos civilizatórios.

Para a autora, para que seja possível pensar nesse outro tipo de sociedade, além de ser necessário entender o conceito de branquitude, é preciso compreender a existência de pactos narcísicos na sociedade que mantém o poder da branquitude. Para justificar sua posição, ela traz sua própria experiência de trabalho em diferentes instituições, como em “empresas, organizações governamentais, organizações da sociedade civil, sindicatos de trabalhadores, federação de empregadores, organizações partidárias de centro, esquerda e direita”. Sua constatação é que todas elas possuem similaridades ao se tratar de relações de raça e gênero.

Segundo ela, essas organizações costumam construir narrativas sobre si mesmas como espaços que defendem a diversidade e a equidade, mas quando observamos suas próprias lideranças esses valores não são confirmados. Ou seja, é visto como algo normal a presença em massa de

homens brancos em cargos de liderança, mesmo que isso vá contra os princípios gerais de respeito à diversidade estabelecidos pela maioria dessas mesmas organizações.

Para Cida Bento, enquanto os impactos negativos da escravidão para os negros são constantemente enfatizados (ainda que pouco se efetive na reparação prática), pouco se comenta sobre os impactos positivos da herança escravocrata para as pessoas brancas, por isso permanece a ideia de que todas as posições de privilégios que os brancos ocupam são devidas a seu próprio mérito e não frutos de uma posição de poder que sua classe desfruta. E assim, ocorre a naturalização da supremacia branca nas instituições, bem como sua construção e constante reprodução, já que existe uma percepção errônea de que todas as pessoas possuem as mesmas oportunidades e aquelas que não conquistam posições de destaque são as que não se esforçaram o suficiente.

Frantz Fanon, Albert Memmi, Edward Said, Stuart Hall, Homi Bhabha, Gayatri Spivak e Paul Gilroy, são alguns dos autores fundamentais para as pesquisas de Cida Bento. Em comum, esses autores realizam críticas ao eurocentrismo, sugerem a revisão da narrativa histórica colonial e a defesa da emergência de “outras” vozes e saberes. Assim como para Cida Bento, há nesses intelectuais uma aguda crítica à generalização do branco como ser humano universal, envolto em uma neutralidade, a partir da qual todos são medidos como diferentes. Nesse contexto, insere-se a importância do movimento negro e sua história de resistência e lutas que são travadas desde o período da escravidão até os dias de hoje, movimento do qual Cida Bento faz parte.

Uma das perspectivas que Cida Bento leva em consideração em sua análise é a da personalidade autoritária, que se manifesta, por exemplo, na forma como os policiais tratam de forma diferenciada pessoas que moram na periferia e pessoas que moram em um bairro de elite. O negro e o pobre são sempre vistos como possíveis criminosos, e socialmente existe uma dificuldade em enxergar a culpa em pessoas brancas, em especial se parte da classe média ou alta, até porque o perfil masculino e branco do judiciário é um dos elementos do racismo institucional, nas considerações apresentadas no livro.

Os altos números de encarceramento de negros por conta do tráfico, frente ao pequeno número de encarceramentos por corrupção e lavagem de dinheiro, mostram que uma parcela de profissionais do poder Judiciário protege seus “iguais” e fortalece “líderes que pregam a violência sempre contra os considerados “não iguais”.” (Bento 2022, 33) Para alterar esse quadro, que configura uma das grandes características do pacto narcísico, seria necessária uma maior pluralidade no campo de organizações do Judiciário. Assim, a justiça racial se tornaria mais efetiva.

A branquitude convicta e autoritária permite que o político seja “grosseiro, violento, antidemocrático e abertamente racista, homofóbico e machista” (Bento 2022, 34). Essas atitudes

permitted, for the author, a very large identification on the part of the expressive population that is interested more in the profile of the politician than in his proposals. It is from this discourse that these politicians manage to construct “the nationalist project of white men, in different countries in the world, including in Brazil” (Bento 2022, 35). This process aims at the destruction of the democratic state from within.

This political phenomenon described is considered nationalist and “patriotic” and it makes an appeal to the traditional values, values found mainly in movements of extreme right. It is necessary that discussions and debates take place within public and private institutions, since it is in them that violence is more manifest and not in individuals. It is this violence that is generating the systematic genocide of the black population.

Another important concept addressed by the author is that of institutional racism, which defends that racism is not manifested only through clearly discriminatory acts, but that it is revealed from statistical data that, by themselves, reveal the inequalities present in the various institutions of society. This without taking into account the specific question of the black woman who still suffers more discrimination in her work environment.

The white supremacy present in organizations is enjoyed by each new generation as a merit acquired by the own group. The pact of whiteness, therefore, consists in benefiting from everything that was accumulated by this group and in committing to increase this legacy so that it continues to be transmitted through generations. The path proposed by Bento to try to solve this question is that we talk more about the inheritance of the slaveocracy and the benefits that derive from it for whites in our society, so that it is possible to build another history, in which other civilizational pacts that maintain the privileges of a single group.

Referências Bibliográficas

Bento, Cida. 2022. *O pacto da branquitude*. São Paulo: Companhia das Letras.

Companhia das Letras. “Cida Bento”. *Grupo Companhia das Letras*. <https://www.companhiadasletras.com.br/colaborador/11433/cida-bento> Acesso em: 23 set. 2023.

Fernandes, Cristina. 2022. “O Pacto da Branquitude, por Cida Bento”. *CEERT*, 13 de abril. <https://ceert.org.br/noticias/44659/livro-o-pacto-da-branquitude-e-lancado-em-debate-virtual-organizado-pela-companhia-das-letras-e-folha-de-spaulo>. Acesso em: 23 set. 2023.

